

Política, vínculos familiares e moderação: a trajetória dos Veiga no sudeste do Império (1827-1837)*

Marcos Ferreira de Andrade**

Resumo: O presente artigo analisa a trajetória política de Evaristo Ferreira da Veiga, durante o Primeiro Reinado e os seis primeiros anos da Regência. O publicista teve participação política de destaque naqueles tempos, seja através da divulgação de suas idéias em periódico de sua propriedade, a *Aurora Fluminense*, ou como deputado geral pela província de Minas Gerais, em duas legislaturas. Dentre os vários aspectos que estão sendo investigados, têm-se procurado discutir em que medida os seus vínculos familiares consangüíneos no Sul de Minas representaram importante capital político na constituição da hegemonia liberal moderada e o papel desempenhado pelas elites regionais na construção do Estado Imperial.

Palavras-chave: Estado Imperial - Elites Regionais - Sul de Minas Gerais

Abstract: This article analyzes the political career of Evaristo Ferreira da Veiga, during the First Kingdom and the first six years of the Regency. The publicist had an outstanding participation in politics during that time, whether by advertising his ideas in his own magazine, the *Aurora Fluminense*, whether as general assemblyman for the province of Minas Gerais during two terms of office. Among the several aspects being analyzed, we have tried to discuss how far his ties to blood relatives in the South of Minas played an important role as political currency to help build the moderate liberal supremacy and the role performed by regional elites in establishing the Imperial State.

Keywords: Imperial State - Regional Elites - South of Minas Gerais

O período que se seguiu à emancipação política do Brasil foi marcado por debates e conflitos em torno do que era ser “brasileiro” e ser “português”, sendo que este último era visto como o “outro” e representava uma ameaça a nacionalidade em construção. Naquela época, os pasquins e periódicos políticos ganharam maior profusão e constituíam o principal espaço para veiculação dessas diferenças, isso quando esses debates não ganhavam as ruas e contavam com a participação de vários segmentos da população, que acabavam reinterpretando, a seu modo, os significados da liberdade e da identidade nacional em construção. (RIBEIRO, 2002). Já na Regência esses conflitos ganham dimensões mais amplas e, através deles, desenvolve-se a estrutura de nação (IGLÉSIAS, 1993:145).

* Esta discussão faz parte de um projeto mais amplo intitulado “A paz e a liberdade regradadas: a trajetória política de Evaristo da Veiga (1827-1837)”, financiado com recursos do CNPq e do Programa Pesquisador Mineiro da FAPEMIG. O projeto também conta com a participação das bolsistas de iniciação científica, Janaina de Carvalho Silva e Gabriela da Silva Fernandes, alunas do curso de história da Universidade Federal de São João del-Rei- UFSJ.

** Doutor em história pela UFF e professor do curso de história da Universidade Federal de São João del-Rei - UFSJ.

Considerada um dos períodos mais agitados e fascinantes da história do Império do Brasil, a Regência foi marcada por violentos protestos coletivos, como sedições militares, motins, revoltas escravas, revoltas provinciais e regionais. Os anos que se seguiram à abdicação do Imperador foram “de levantes, revoltas, rebeliões e insurreições. De sonhos frustrados e de intenções transformadas em ações virtuosas. Foram, sem dúvida, anos emocionantes para aqueles que viveram no Império do Brasil”(MATTOS, 1994:2). Também foi um tempo marcado por mudanças na ordem jurídica, política e administrativa, resultado das disputas travadas entre diversos grupos e facções políticas (liberais exaltados, liberais moderados e restauradores) (ANDRADE, 1998-1999:39-74).

José Murilo de Carvalho chamou a atenção para a relação entre a elite e o Estado no final da década de 1830. Foi especialmente com o regresso conservador, que “as incertezas e turbulências da Regência começaram a dar lugar a um esboço de sistema de dominação mais sólido, centrado na aliança entre, de um lado, o rei e alta magistratura, e, de outro, o grande comércio e grande propriedade, sobretudo a cafeicultura fluminense” (CARVALHO, 1996:229).

O tema descentralização e centralização, tratado antes genericamente pela historiografia, tem sido objeto de análise mais cuidadosa por estudos recentes, que procuram empreender análises mais circunstanciadas acerca da administração e do funcionamento da Justiça nas primeiras instâncias.(ANDRADE, 2004; CARDOSO, 2002). As reformas conservadoras, que vigoraram a partir da década de 1840, também têm sido objeto de releitura por parte dos estudiosos. Miriam Dolhnikoff, ao analisar a relação entre os governos das Províncias de São Paulo, Rio Grande do Sul e Pernambuco com o Estado, constatou que a autonomia introduzida pelo Ato Adicional de 1834 não foi substancialmente alterada pela reinterpretação de 1840. Mesmo após o Regresso, as assembleias legislativas provinciais ainda podiam contar com autonomia tributária, o que lhes garantia recursos suficientes “para atender as demandas da elite da região, fosse em termos econômicos, fosse na manutenção da ordem interna, fosse na capacidade de negociação política” (DOLHNIKOFF, 2003:118; 2004).

Após o Sete de Abril, ganharam notoriedade três facções políticas principais: exaltados, moderados e restauradores, tendo como tendência vencedora a dos liberais moderados ou *chimangos*, que congregava políticos de Minas, São Paulo e Rio de Janeiro, em torno da *Sociedade Defensora da Liberdade e Independência Nacional*. Dentre os políticos de maior expressão, destacaram-se o mineiro Bernardo Pereira de Vasconcellos, o paulista e

futuro Regente, Padre Diogo Feijó e Evaristo da Veiga, responsável pelo principal periódico do Rio de Janeiro, a *Aurora Fluminense*, o mais importante jornal liberal da época.

Estudos recentes têm chamado a atenção para o reducionismo com que foi compreendida a participação política de moderados, exaltados e restauradores. Como afirma Marco Morel, nesta época ainda não existia “partido político” no sentido moderno do termo. Ao contrário, partidização tinha conotação pejorativa, pois poderia comprometer a unidade nacional. Pode-se afirmar que a Regência é um dos períodos menos conhecidos da história do Império.(MOREL, 2000). Isto se justifica pela sua complexidade, revelada não só pelas inúmeras rebeliões provinciais, mas também pelo calor das discussões em torno da construção da nacionalidade, das idéias liberais e da formação do Estado, etc. Parto do mesmo pressuposto do autor, que considera o período como “um grande laboratório de formulações e de práticas políticas e sociais”(MOREL, 2000:9).

Assim como na Corte, a província de Minas Gerais também será palco de disputas entre as principais facções políticas da época, destacando-se os moderados e os restauradores. A dimensão e a importância destes conflitos culminaram com a *Sedição Militar* de 1833, também conhecida como a *Revolta do Ano da Fumaça*, quando um grupo alcunhado de *restauradores* tomou o poder na capital da província durante os meses de abril e maio.(IGLESIAS, 1985:364-412; CASTRO, 1985:09-67; SILVA, 2002; ANDRADE, 2008)

Por muito tempo a historiografia tratou de forma generalizante estas disputas, não percebendo as distinções e os significados que estes termos carregavam e a apropriação dos sentidos que ora poderia ser feita por uma facção, ora por outra, ou mesmo por segmentos marginalizados da sociedade, como os escravos. Alguns trabalhos recentes apresentam uma outra leitura destas disputas e da sedição propriamente dita, considerando o ano de 1833 como um marco decisivo da subordinação das câmaras municipais ao poder provincial e a Sedição Militar de 1833 como a expressão significativa deste conflito (ANDRADE, 1998:127-138). Wlamir Silva discute a construção da hegemonia liberal moderada em Minas Gerais e destaca os meios utilizados pelos liberais para identificar os seus adversários, qualificando-os, geralmente, de caramurus, restauradores, absolutistas ou anarquistas (SILVA, 2002).

Dentre as formulações e práticas políticas que estavam postas naquele tempo, uma se destacou: a dos liberais moderados. Em meio a tantas propostas e embates, foram os moderados que deram a direção política durante a Regência. Neste cenário, vários atores se destacaram, mas um, em particular, teve uma atuação mais expressiva, não só na formulação e divulgação de idéias em seu periódico, prática comum naquele tempo, mas também na forma

de se fazer política e atuar no parlamento. Evaristo Ferreira da Veiga foi, no dizer de um dos seus melhores biógrafos, “a figura primacial da época da Regência” (SOUZA, 1988).

Desde moço tornou-se caixeiro na livraria do pai, depois sócio e por fim dono de livraria. Sua formação intelectual não foi construída em nenhuma universidade. O “viver entre livros” certamente foi um ambiente promissor e lhe garantiu acesso a várias obras que chegavam, primeiramente, na livraria de seu pai, depois na de seu irmão e, finalmente, na sua própria. Alguns de seus professores atestaram a sua capacidade, não só pela aprovação nos exames, mas pela sua dedicação e competência (SOUZA, 1988:25-26).

Teve uma vida breve, pois não chegou a completar 38 anos, mas a viveu intensamente. Apesar de não ter completado uma década de atividade política, a sua trajetória marcou profundamente aqueles primeiros anos da Regência. Uma trajetória que não pode ser deslocada de uma análise de seu perfil psicológico e familiar, da política e da atividade jornalística. Como afirma Otávio Tarquínio de Souza, sem “deixar o Rio, sem mencionar o seu nome no jornal em que escrevia, sem fazer cabala ou lisonjear gente influente, foi eleito deputado por Minas Gerais, contando apenas vinte e oito anos e reeleito depois duas vezes, uma delas com cadeira também pelo Rio de Janeiro”. (SOUZA, 1988:173).

Evaristo da Veiga era o segundo filho mais velho do casal Luiz Francisco Saturnino da Veiga, natural de Portugal, e a fluminense, descendente de portugueses, Francisca Xavier de Barros. O casal teve 4 filhos: João Pedro da Veiga (nascido em 29 de abril de 1797 e falecido em 2 de maio de 1862); Evaristo Ferreira da Veiga (nascido a 8 de outubro de 1799 e falecido em 12 de maio de 1837); Bernardo Jacinto da Veiga (nascido em 20 de janeiro de 1802 e falecido em 21 de junho de 1845) e Lourenço Xavier da Veiga (nascido a 21 de julho de 1806 e falecido a 1º. de novembro de 1863).

Aprendeu com o pai as primeiras letras, além do vernáculo e do francês. Com os professores Manoel Marques, as aulas de latim e João Joyce, o inglês. Após a conclusão do curso de humanidades, no Seminário São José, passou a exercer a atividade de caixeiro na livraria do pai. Contava então com 19 anos de idade. Segundo Basílio de Magalhães, os cinco anos que passou trabalhando com o pai, antes de abrir uma livraria com seu irmão João Pedro da Veiga, no ano de 1823, se não lhe rendeu ganhos financeiros, porém “lhe opulentou o cérebro”¹. Teve oportunidade de travar contato com obras de economistas e filósofos em voga naqueles tempos. Em fins de 1827, ano do enlace matrimonial com Edeltrudes Maria da Assunção, rompeu a sociedade com o irmão e estabeleceu seu próprio negócio, ao adquirir a

¹ MAGALHÃES, Basílio de. Evaristo da Veiga. Rio de Janeiro, *Jornal do Comércio*, 12 de maio de 1937. p. 4. Biblioteca Nacional – BN- Seção PR – SPR 00001

livraria de Bompard, na Rua dos Pescadores, atual Visconde de Inhaúma. Ali também adquiriu o sobrado onde passou a residir com sua esposa.

Segundo Otávio Tarquínio de Souza, a livraria de Evaristo vendia um conjunto variado de obras que transitava pelas áreas de Economia Política, Administração e Finanças. Era possível encontrar em suas prateleiras autores clássicos de economia política como Say e Ricardo, de filósofos como Voltaire, tradução de Racine, além de livros sobre os Estados Unidos e o México.(SOUZA, 1939:27)²

Em fins do mesmo ano, com vinte e oito anos de idade, Evaristo também passaria a se dedicar ao jornalismo político e daria início a sua vida pública. Naquela mesma época tornou-se um dos fundadores de um dos periódicos mais importantes do final do Primeiro Reinado e da Regência. Mas não demoraria muito tempo para que Evaristo ficasse sozinho na direção da *Aurora Fluminense* e se tornasse o célebre redator daquele periódico, o que aconteceu a partir de 1828.

A *Aurora Fluminense*, sem dúvida, foi o principal periódico de inspiração *moderada* da Corte e também do Império, marcada pela estabilidade e regularidade de publicação durante oito anos ininterruptos (dezembro de 1827 a dezembro de 1835), circulava três vezes por semana e passou por apenas quatro tipografias. Segundo Marcelo Basile, nos cinco primeiros anos da Regência foram publicadas seiscentas edições e mais de uma dezena de suplementos. Como constata o autor, as informações sobre as tiragens dos periódicos da Regência são precárias, o que não permite estabelecer maiores considerações acerca do alcance da imprensa e do número de leitores. Em relação à *Aurora* é possível estabelecer algumas estimativas da importância que o jornal adquiriu e de sua capacidade de circulação. Em 1831, o jornal divulgava que possuía em torno de mil e cem subscritores, número bastante expressivo para a época, por se tratar de um jornal eminentemente político, dirigido a um público específico, letrado e bastante reduzido, devido ao índice elevado de analfabetismo, e também a concorrência de outros jornais (BASILE, 2004:24-25).

Os quatro filhos de Luiz Francisco Saturnino da Veiga não gozavam de boa saúde, sendo que dois deles, Bernardo Jacinto da Veiga e Lourenço Xavier da Veiga, foram residir no Sul de Minas para se tratarem de males estomacais e do fígado, através do consumo das águas minerais. Bernardo Jacinto sofria de dispepsia hepática desde muito cedo e aos dezesseis anos se dirigiu para o Sul de Minas, fixando-se na cidade de Campanha, no ano de 1818. Quatro anos mais tarde, foi a vez de Lourenço juntar-se ao irmão na mesma cidade e

² Ver também a relação dos livros arrolados no inventário de Evaristo publicada pelo Arquivo Nacional, no ano de 1937, segundo consta do seu inventário, realizado em 1837.

com o mesmo objetivo. Os problemas de saúde deveriam ser realmente graves, pois implicou na saída da Corte e moradia definitiva no Sul de Minas ainda muito jovens. Como afirma Veiga Miranda, ao discorrer sobre os transtornos que representava uma viagem da Corte ao interior das Minas Gerais naqueles tempos (ANDRADE, 2008:151-1630), um motivo fortuito possibilitou a fixação no Sul de Minas de um adolescente, “neófito na vida e naquelas brenhas, sem imaginar que daí a vinte anos seria o governador de todo o vasto território das Minas Gerais”.³

Águas Virtuosas da Campanha, como era então conhecida a atual cidade de Lambari, era distrito do termo de Campanha e adquirira fama e importância no século XIX, certamente em função do poder curativo atribuído ao consumo de suas águas minerais, utilizadas no tratamento das mais variadas doenças, com especial destaque para as do estômago, intestino e fígado. (ANDRADE, 2008: 157-159). Lourenço e Bernardo acabaram fixando residência na cidade de Campanha, talvez por oferecer melhores condições de hospedagem e oportunidades de sobrevivência, pois se tratava da sede do termo, mais urbanizada e a vila mais importante do Sul de Minas (ANDRADE, 2008:27-64).

Ambos seguiram caminhos semelhantes ao de Evaristo, dedicando-se à imprensa local, ao comércio e também às atividades políticas. Tiveram destacada importância na política local e provincial. Bernardo Jacinto da Veiga foi vereador em Campanha, deputado provincial nas duas primeiras legislaturas (1835-1839), deputado geral e presidente da Província de Minas entre 1838 e 1840, e de maio de 1842 a março de 1843 (VEIGA, 1874:444-454). Também foi responsável pela criação do primeiro periódico da vila de Campanha, o *Opinião Campanhense*, no ano de 1832. Mas foi especialmente em maio de 1842, quando se iniciou a Revolta Liberal em Minas Gerais, que Bernardo Jacinto assumiu a presidência, contribuindo, decisivamente, para debelar o movimento insurgente. Se considerarmos como corretas as assertivas de Alcir Lenharo, Bernardo Jacinto teria aderido ao movimento regressista e conservador esboçado a partir de 1837, contribuindo decisivamente para o enfraquecimento da conexão política entre os moderados da Corte e sua base interioriana (LENHARO, 1979). É importante lembrar que ainda no mesmo ano, saía da vida e da cena política um dos principais representantes dos moderados na Corte. Evaristo faleceu poucos dias depois de retornar de sua primeira e única viagem ao Sul de Minas, no dia 12 de maio de 1837, depois

³ MIRANDA, Veiga. O Pamphetario d’O Primeiro Reinado” – Memória histórica comemorativa do centenário do nascimento de Luiz Francisco da Veiga. Rio de Janeiro, *Jornal do Commercio*, 12 de agosto de 1934, p. 5. Biblioteca Nacional – BN.. Seção PR – SPR 00001.

de visitar seus irmãos e parentes em Campanha e conhecer a localidade e a população que constituía a sua base política nas Minas Gerais. Bernardo Jacinto faleceu em 1845.

Ao que tudo indica, Lourenço Xavier da Veiga teve uma atuação mais localizada em Campanha, onde exerceu a atividade de publicista, editou jornais, abriu uma livraria e elegeu-se vereador por algumas legislaturas (1841-1853).⁴ Embora não tenha cursado nenhuma academia, assim como seu irmão Evaristo, foi um autodidata e tinha talento literário. Publicava seus textos em periódicos cariocas e nos que havia fundado em Campanha, como, por exemplo, o *Nova Província* e o *Sul de Minas*. Através da imprensa local, os Veiga acabaram divulgando a idéia de criação da Província de Minas do Sul, que era acalentada desde 1843 por Bernardo Jacinto da Veiga. O projeto foi malogrado, embora a proposta tenha sido apresentada em três momentos distintos no parlamento nacional (1854, 1862 e 1868). Depois da morte de seu irmão Evaristo, assim como Bernardo, Lourenço tornou-se um dos mais importantes líderes conservadores da região. Teve atuação destacada na Revolta de 1842, recebendo a patente de tenente-coronel pelos serviços prestados. Ainda atuou como delegado e subdelegado de polícia, substituto de juiz municipal e de direito. Faleceu em Campanha, no ano de 1863. (VEIGA, 1998:943-944; VEIGA, 1874:62, 455-457).

O termo de Campanha acabou tornando-se a principal base política de Evaristo nas Minas Gerais, sustentada por seus dois irmãos que aí residiam desde a década a 1820 e que também tiveram participação de destaque no cenário político local e provincial, além de serem responsáveis pela implantação de vários periódicos de cunho político. Todas essas ações acabaram contribuindo para construção da hegemonia liberal moderada no Sul de Minas, mais precisamente na primeira metade da década de 1830. Em 1837, pouco tempo depois da morte de Evaristo, o cenário político do Império adquirira nova configuração, especialmente com fortalecimento do discurso centralizador, interpretado como regressista. E novamente os Veiga do Sul de Minas desempenharam papel decisivo naquele contexto.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Ivan Vellasco de. *As seduções da ordem: violência, criminalidade e administração da justiça – Minas Gerais, século XIX*. São Paulo: EDUSC, 2004.

ANDRADE, Marcos Ferreira de. *Elites regionais e a formação do Estado Imperial brasileiro: Minas Gerais – Campanha da Princesa (1799-1850)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2008.

⁴ Centro de Memória Cultural do Sul de Minas - CEMEC-SM, atas da Câmara Municipal de Campanha (1841-1845;1853-1856), CAMP LAC 04; CAMP LAC 05.

_____. “A província de Minas Gerais no Período Regencial”. *LPH Revista de História*. Mariana, nº 08 (1998-1999), 39-74.

BASILE, Marcelo Otávio Néri de Campos. *O Império em construção: projetos para o Brasil e ação política na Corte Regencial*. Rio de Janeiro: IFCS-UFRJ, 2004. (Tese de doutoramento).

CARDOSO, Maria Tereza Pereira. *Lei branca e justiça negra: crimes de escravos nas vilas de São João del Rei e São José (1814-1852)*. Campinas, IFCH/UNICAMP, 2002, tese de doutorado.

CARVALHO, José Murilo de Carvalho. *A construção da ordem: a elite política imperial; Teatro de sombras: a política imperial*. 2. ed. ver. Rio de Janeiro: Editoria UFRJ; Relume-Dumará, 1996.

CASTRO, Paulo Pereira de. “A ‘experiência republicana’, 1831-1840”. In: *História Geral da Civilização Brasileira – O Brasil Monárquico*. Tomo II., v. 2. São Paulo: Difel, 1985.

DOLHNIKOFF, Miriam. “O lugar das elites regionais”. *Revista USP. Dossiê Brasil Império*, São Paulo, n. 58, p. 116-133, junho/agosto 2003. p. 116-133.

_____. “Elites regionais e construção do Estado Nacional”. In: JANCSÓ, Istvan. (org.) *Brasil: formação do Estado e da Nação (c.1780-1850)*. São Paulo: Hucitec, 2004.

IGLÉSIAS, Francisco. “Minas Gerais”. In: *História Geral da Civilização Brasileira – O Brasil Monárquico*. Tomo II., v. 2. São Paulo: Difel, 1985. pp. 364-412.

_____. *Trajетória política do Brasil: 1500-1964*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

LENHARO, Alcir. *As tropas da moderação: o abastecimento da Corte na formação política do Brasil, 1808-1842*. São Paulo, Símbolo, 1979.

MATTOS, Ilmar Rolhoff de. *O tempo saquarema: a formação do Estado Imperial*. Rio de Janeiro: Access, 1994.

MOREL, Marcos. *O período das Regências (1831-1840)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

ARQUIVO NACIONAL. “A biblioteca de Evaristo da Veiga, segundo consta do seu inventário, procedido em 1837”. In *Publicações do Arquivo Nacional, XXXIV*. Rio de Janeiro: Oficinas Graphics do Arquivo Nacional, 1937.

RIBEIRO, Gladys Sabina. *A liberdade em construção*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, FAPERJ, 2002.

SILVA, Wlamir. “*Liberais e Povo*”: a construção da hegemonia liberal-moderada na Província de Minas Gerais (1830-1834). Rio de Janeiro, UFRJ, 2002, tese de doutorado.

SOUZA, Otávio Tarquínio de. *Evaristo da Veiga*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da USP, 1988. Coleção História dos Fundadores do Império do Brasil; v. 6.

VEIGA, Bernardo Saturnino da. *Alamanach sul-mineiro*. Campanha: Tipographia do Monitor Sul-Mineiro, 1874.

VEIGA, João Pedro Xavier. *Ephemérides mineiras*. Belo Horizonte: Centro de Estudos Históricos e Culturais/Fundação João Pinheiro, 1998.